

RESENHA

*Tarcízio José de Freitas Carvalho**

HARRIS, Joshua; STANFORD, Eric. **Ortodoxia humilde**: defendendo as verdades bíblicas sem ferir as pessoas. São Paulo: Vida Nova, 2013.

Joshua Harris e Eric Stanford são autores norte-americanos. Joshua é pastor titular da Igreja Covenant Life desde setembro de 2004, em Gaithersburg, um subúrbio de Washington, D.C. Eric é um escritor amigo e parceiro que mesclou os sermões de Joshua com o capítulo final do livro *Dug Down Deep* (“Cave bem fundo”), do mesmo autor, a fim de produzir este livro, *Ortodoxia humilde* – que leva o mesmo título do capítulo final referido anteriormente. Eric também escreveu os guias para estudo ao final de cada capítulo.

O alvo da obra é despertar a geração atual a fim de que ela cuide da verdade cristã sem ser rude ou parecer tola. O título “ortodoxia humilde” foi uma ideia de Eric Simmons, amigo de Harris e pastor da Redeemer Church, de Arlington, na Virgínia.

Joshua Harris já é conhecido do leitor brasileiro. Em 2010 a Editora Cultura Cristã publicou um de seus livros, *Sexo não é problema (lascívia, sim)*, em que Joshua mostra ao leitor, de modo claro e honesto, como a lascívia ilude. Clareza e honestidade são características constantes de seus livros, escritos geralmente de forma simples e sem muitos termos técnicos.

Voltando à obra em questão, o termo “ortodoxia”, em alguns círculos, é identificado com “ultrapassado e antiquado”. Ainda assim é um termo com razoável respeitabilidade geral. E é um bálsamo que a adjetivação tenha ocorrido no título do livro: *humilde*. A julgar pelos embates nos blogs e opiniões emitidas em profusão nos vídeos publicados na internet na última década no Brasil e no exterior, nem sempre se pode afirmar que o adjetivo tenha sido sequer considerado.

O livro tem quatro capítulos, sem uma estrutura aparente, a não ser o título/tema. Apenas o final do capítulo 3 tentou unir-se ao capítulo final seguinte.

No capítulo 1 Joshua trabalha com a definição de termos. Nele, o autor procura mostrar o que, em geral, as pessoas pensam sobre ortodoxia, e o que vem a ser a sua proposta de uma ortodoxia humilde. O texto bíblico de apoio para esta etapa encontra-se na segunda carta de Paulo a Timóteo (2.8; 2.17-18). Aqui ele propõe uma distinção inicial entre ortodoxia humilde e ortodoxia arrogante, incentivando seus leitores, por fim, à primeira opção. “A ortodoxia humilde não é fácil. Mas, com a ajuda graciosa de Deus, por meio de sua Palavra e seu Espírito, você e eu – e todos os outros irmãos e irmãs em Cristo – *podemos* vivê-la na prática” (p. 31).

No capítulo 2, Joshua reflete sobre a humildade na ortodoxia a partir da parábola do fariseu e do publicano, registrada em Lucas 18. Sua tese é que o coração do adorador, mesmo adquirindo mais conhecimento sobre Deus, deve sempre se lembrar de que foi alcançado pela misericórdia dele. Ainda neste capítulo, o autor se utiliza de Josué 5 como base para o ensino de que, quando a questão é uma batalha teológica, Deus não está do seu ou do meu lado: “Queremos que ele declare estar do *nosso lado*. Dizemos a nós mesmos que estamos lutando pela ortodoxia e pela

* Graduado em teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e em filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em teologia exegética (Antigo Testamento) pelo CPAJ e doutorando em Antigo Testamento pela Universidade Livre de Amsterdã. É professor assistente de Antigo Testamento no CPAJ.

fidelidade à Bíblia; no entanto, de forma sutil, a luta que se trava dentro do nosso coração acaba sendo por nossa própria identidade, retidão, pureza e verdade” (p. 42).

A confusão nessa luta pela ortodoxia pode ser ainda maior quando a luta não é apenas pessoal, mas a de um grupo com certo matiz teológico. A luta passa a ser também por identidade, mas a identidade com a qual o grupo se identifica. Na verdade, não há nenhum problema quanto a isso, uma vez que a associação por afinidade de ideias é algo bem comum. O que o autor estranha é a ausência de humildade nos debates e embates teológicos. Ao contrário do que se suporia, “a solução para a ortodoxia arrogante não é menos ortodoxia. É mais” (p. 49). A verdadeira ortodoxia, portanto, inclui a humildade e compaixão – não sendo estes itens opcionais.

No capítulo 3, Joshua baseia seu argumento em favor de uma ortodoxia humilde inicialmente com o rei Josias (2 Reis 22). Como o autor destaca, “todos nós temos bons motivos para rasgar nossas vestes (p. 60)”, e assim lutar para conformar a própria vida à “autoridade da Escritura e às exigências do Evangelho” (p. 61). Em seguida, o episódio de rebeldia do povo de Deus e também de seu líder Moisés (Números 20) é utilizado para realçar a santidade de Deus que é mostrada através das decisões que tomamos. O capítulo termina com uma lembrança pessoal da “fase jaula” – fase em que alguém recém-descobre o zelo pela verdade e age e fala de forma beligerante. O autor lamenta ter caminhado por esta trilha, mas reconhece hoje o quanto uma ortodoxia humilde o auxilia a ver graça em outras denominações e ministérios (p. 68).

No capítulo 4, Joshua responde à questão posta no parágrafo final do capítulo anterior (p. 68), retomando o texto base da segunda carta de Paulo a Timóteo. A questão crucial posta é: “Paulo disse para Timóteo viver pela aprovação de Deus. E nós, pela aprovação de quem estamos vivendo? E o que precisamos fazer para consegui-la?” (p. 78). A instrução é que os cristãos devem viver de modo a serem aprovados por Deus. O autor relembra que “o evangelho é e sempre será ofensivo aos pecadores” e enfatiza que “a ortodoxia humilde não é uma técnica para ganhar seguidores” (p. 88). O valor dela está em ser a verdade de Deus, e esta verdade é a realidade do seu caráter. Deus, portanto, através de sua verdade revelada é quem molda nosso caráter. “Não somos aqueles que estão certos; somos aqueles que foram redimidos” (p. 89).

Creio que a maior força do livro esteja em lembrar a todos quantos somos discípulos de Jesus Cristo da necessidade de humildade. Este adjetivo reflete um dos elementos que deveriam compor a verdadeira humanidade conforme vista em Cristo e nos auxilia a manter as portas abertas ao diálogo e à conversa franca, sem que se recorra à violência verbal ou física para anunciar o reino de Deus.

É bem verdade que *Ortodoxia humilde* não possui o fôlego literário de obras como as de Tim Keller ou Chesterton, mas as reflexões que ele apresenta a partir destes autores e a simplicidade com que as ideias são apresentadas também são um elemento valioso. Faço as observações críticas com espírito de humildade, tendo já cometido diversos dos erros levantados aqui, acreditando ainda que as críticas sejam mais úteis à editora do que aos leitores em geral. Assim, vamos a elas.

Os boxes que aparecem nas páginas geralmente não destacam as “melhores frases”, e em algumas ocasiões (p. 21, 43, 67, 76, 81, 86) eles seriam desnecessários, pois além de já prejudicarem a fluidez da leitura, em diversos casos destacam o que está muito próximo na mesma página.

Ocorre um deslize ou outro no vernáculo (como o da p. 56, na concordância sujeito/verbo – comentários/tornar). Por vezes a leitura fica mecânica, possivelmente,

por causa da tradução. Em todo o livro os períodos são em geral curtos, o que é bom, mas corre-se o risco de conduzir o leitor através de “solavancos” – constantes paradas. O espaçamento maior entre as linhas amplia esta percepção. A título de ilustração, observe este parágrafo da p. 56, quanto à pontuação em geral:

O texto está da seguinte forma: “Justin se importa com a verdade, mas demonstra graça para com aqueles de quem discorda. Ele alcança cristãos que divergem dele em questões doutrinárias. Ele os ouve. Nunca abre mão de seu compromisso com a ortodoxia, no entanto defende sua posição com humildade genuína. E, quando encontra ódio pela frente, recusa-se a odiar de volta.” Mas poderia ter uma leitura mais desenvolvida, como, por exemplo: “Justin se importa com a verdade e demonstra graça para com aqueles de quem discorda. Ele alcança cristãos que divergem dele em questões doutrinárias. Ele os ouve, ainda que não abra mão de seu compromisso com a ortodoxia! No entanto, defende sua posição com humildade genuína e, mesmo quando encontra ódio pela frente, recusa-se a odiar de volta”.

A sentença final do capítulo 3 remete o leitor ao capítulo 4 com a antecipação de que leremos algo sobre a ortodoxia humilde que leva à aprovação de Deus (p. 68). Isso aconteceu, mas da forma como ficou na página 68, deu a impressão de que algum texto tivesse sido cortado. Talvez um simples: “Mas deixe-me explicar o que quero dizer com isso” [no capítulo seguinte] tivesse resolvido.

Senti falta de textos bíblicos que são clássicos na tratativa deste assunto, como Efésios 4.15; 2 Tessalonicenses 2.10; 1 Pedro 1.22 ou 2 João 3. Mas, nesse caso, é como ouve-se por aí. Se eu quiser ver estes textos trabalhados, devo produzir o meu próprio livro! Mesmo sabendo disso, creio que esta observação seja importante para apontar o que já havia dito, que o livro não apresenta uma estrutura tão clara de trabalho.

Feitas estas observações desejo recomendar o livro a todo tipo de leitor, especialmente aqueles que desejam se afadigar em conhecer mais e mais a Palavra de Deus a fim de ensiná-la a outros. E não deixem de ler o texto apologético sugerido na página 31. Afinal, “não podemos nem temos permissão bíblica para nos dar ao luxo de ficar incertos em relação àquelas coisas sobre as quais Deus foi claro” (p. 31).